



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS HUMANAS, *CAMPUS V*

**DIEGO BRITO SANTOS**

**TERREIRO DE ODÉ:  
TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E SOCIALIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ EM SANTO  
ANTÔNIO DE JESUS- BA (1980- 2019)**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS- BA  
2021

## FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Dados fornecidos pelo autor

S237t

Santos, Diego Brito

Terreiro de Odé: trajetória, memória e socialização do candomblé em Santo Antônio de Jesus- BA (1980- 2019) / Diego Brito Santos . – Santo Antônio de Jesus, 2021.

54 fls.

Orientador(a): Prof. Me. Denilson Lessa dos Santos

Trabalho de conclusão de curso ( Graduação) - Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*. Colegiado de História. Santo Antônio de Jesus, 2021.

**DIEGO BRITO SANTOS**

**TERREIRO DE ODÉ:  
TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E SOCIALIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ EM SANTO  
ANTÔNIO DE JESUS- BA (1980- 2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em História da Universidade do Estado da Bahia apresentado ao Departamento de História Campus V.  
Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Denilson Lessa dos Santos

SANTO ANTÔNIO DE JESUS- BA

2021

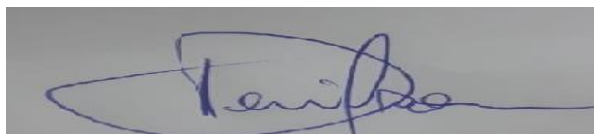
**DIEGO BRITO SANTOS**

**TERREIRO DE ODÉ:  
TRAJETÓRIA, MEMÓRIA E SOCIALIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ EM SANTO  
ANTÔNIO DE JESUS- BA (1980- 2019)**

Trabalho de Conclusão de Curso como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em História da Universidade do Estado da Bahia apresentado ao Departamento de História Campus V.  
Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Denilson Lessa dos Santos


Aprovação em: 08/ 07/ 2021

Banca Examinadora:



---

Prof<sup>o</sup>. Me. Denilson Lessa Santos  
Departamento de História - UNEB



---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Alaíze dos Santos Conceição  
Departamento de História - UNEB



---

Prof<sup>a</sup>. Me. Lorena Michelle Silva dos Santos  
Departamento de História - UNEB

SANTO ANTÔNIO DE JESUS- BA

2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta ou indiretamente me ajudaram na construção e realização deste sonho. A minha profunda gratidão a Deus e aos sagrados Orixás, Inquices, Santos e Guias de luz que fortaleceram o meu caminhar dia a dia.

Meu profundo agradecimento à comunidade do Terreiro de Odé e à Mameto Rita de Mutakalambô, pelo respeito, acolhimento e pelos momentos de aprendizado e ensinamentos. Esses ficarão registrados para sempre. Sua bênção, Mameto.

Agradeço a todos os professores que formam essa banca, pela compressão, escuta sensível e tamanha generosidade. Um agradecimento especial ao meu orientador Denilson Lessa, pelo apoio e competência. Obrigado por ter me entendido e pela disponibilidade para me acompanhar nessa jornada.

À professora Silene Arcanja pela contribuição efetiva na realização desse trabalho e pelo incentivo.

Ao professor Mateus Soares pelas valiosas observações, apontamentos e incentivos. Seus conselhos foram imprescindíveis.

Agradeço às minhas amigas e companheiras de graduação Geisa Ferreira e Joci Couto, pela acolhida, por dividir angústias, alegrias, experiências e por sempre estar presente no meu caminhar acadêmico.

A minha família pela dedicação, cuidado e afeto, principalmente ao meu querido pai Lídio Henrique, minha tia Lucia Souza, exemplar e carinhosa, minha mãe Jaciara Brito pelos constantes incentivos.

Aos amigos Jessica Nicasio, Toni Cirqueira e Evando Junior, pelo companheirismo e incentivo e pelos momentos de lazer e de trabalho.

À Universidade do Estado da Bahia — Uneb *campus* V.

E a todos aqueles cujos nomes mantenho guardados nas minhas lembranças. Enfim, obrigado, porque em toda produção acadêmica há sempre muitas pessoas a agradecer e saudar.

**RESUMO:** O presente trabalho tem como finalidade analisar a formação do espaço religioso do Terreiro de Odé, bem como as implicações advindas dessa fundação, as quais são marcadas por processos provenientes da sua relação com a comunidade em que está inserido, a exemplo da resistência. Ao enunciar a existência do Terreiro de Odé, na cidade de Santo Antônio de Jesus, esse estudo preocupa-se em traçar caminhos investigativos para a trajetória de resistência do referido terreiro, visto que se originou de uma “Casa de Caridade”. Isto posto, esse estudo buscou ouvir as vozes dos sujeitos pertencentes ao terreiro, na tentativa de analisar as experiências sócio-históricas e culturais que perpassam pela influência dos ritos religiosos africanos, possibilitando a construção da identidade religiosa dos sujeitos. Assim, defende a inserção e valorização da religiosidade de matriz africana nos espaços de formação e visibilidade da cidade de Santo Antônio de Jesus, no que esse trabalho já inicia uma tentativa de preenchimento das lacunas existentes na história religiosa do candomblé em Santo Antônio de Jesus-Ba, bem como do próprio terreiro em estudo, uma vez que pode incentivar outros pesquisadores ou adeptos a “levantar” os registros históricos de seus terreiros, visando a conscientização da liberdade religiosa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória. Religiosidade. Terreiro de Odé. Santo Antônio de Jesus.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the formation of the religious space of Terreiro de Odé, as well as the implications arising from this foundation, which are marked by processes arising from its relationship with the community in which it operates, such as resistance. When enunciating the existence of the Terreiro de Odé, in the city of Santo Antônio de Jesus, this study is concerned with tracing investigative ways for the resistance trajectory of that terreiro, since it originated from a “Casa de Caridade”. That been said, this study sought to hear the voices of the subjects belonging to the terreiro, in an attempt to analyze the socio-historical and cultural experiences that permeate the influence of African religious rites, enabling the construction of the subjects' religious identity. Thus, it defends the insertion and valorization of African-based religiosity in the spaces of formation and visibility of the city of Santo Antônio de Jesus, in which this work already initiates an attempt to fill the gaps in the religious history of candomblé in Santo Antônio de Jesus- Ba, as well as the terreiro under study, since it can encourage other researchers or adepts to “raise” the historical records of their terreiros, aiming at the awareness of religious freedom.

**KEYWORDS:** Memory. Religiosity. Terre de Odé. Santo Antônio de Jesus.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 TERREIRO DE ODÉ: IDENTIDADE E MEMÓRIA</b> .....	16
1.2 DE ONDE FALAMOS.....	18
<b>2 A TRAJETÓRIA DO TERREIRO DE ODÉ: ORIGEM, FUNDAÇÃO E CONTINUIDADE</b> .....	19
<b>3 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO E A SOCIALIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ</b> .....	34
<b>4 OS VIZINHOS, ELES AS VEZES, NÃO RESPEITAM; SÃO MUITO INTOLERANTES</b> .....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>LISTA DE IMAGENS</b> .....	51
<b>ENTREVISTAS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b> .....	53

## INTRODUÇÃO

O historiador escreve a partir de inquietações que mobilizam suas intenções de escrita e escuta. Para tanto, reconheço que esse texto é fruto de minhas inquietações referentes às determinadas práticas presentes no espaço citadino de Santo Antônio de Jesus e que perpassam pelo Terreiro de Odé. Minhas inquietações acerca da religião de matriz africana se apresentaram na minha infância. Sou de família que possui diversas crenças, como a maioria das famílias brasileiras; mas essa multiplicidade causava conflitos por parte de alguns membros, a exemplo de minha avó materna, uma senhora evangélica cuja visão religiosa tendia ao extremismo. Sempre que a visitava, ela fazia questão de ratificar certas falas: “Seu pai é um homem bom, mas vai pro inferno!”; “menino, não vai pra essas rodas de caruru, é comida pro demônio”; “que Deus perdoe seu pai”.

Meu pai, Lídio Santos, candomblecista, levava-me para as festividades nos terreiros. Lembro-me do caruru de São Cosme e Damião, no qual eu participava da roda dos sete meninos, recebia doces, brincava com as outras crianças e festejava os *Ibeji*<sup>1</sup>. Eu sentia dificuldade em entender o porquê de minha avó repudiar aquele lugar que me fazia bem, o porquê de o meu pai, um homem bom e íntegro, ir para o inferno: eram inquietações que dançavam no meu pensamento e permaneciam alimentadas pelas respostas que não surgiam.

Com o tempo fui escutando de amigos e parentes outras declarações negativas a respeito do candomblé e comecei a recusar os convites do meu pai, quando os convites se referiam às festividades da religião de matriz africana. As minhas inquietações começaram vicejar à medida que fui crescendo e, especialmente, quando adentrei na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Aqui, muito me ajudaram o “Seminário sobre intelectuais negros e negras com uma agenda de pensamento anticolonialista/antirracista”, o “Curso de extensão

---

<sup>1</sup> *Ibeji* são os “santos gêmeos”, conhecidos popularmente por Cosme e Damião. São muito reverenciados na Bahia e homenageados com o caruru, que é servido à tardinha para, inicialmente, sete crianças convidadas para esta cerimônia. Cada uma recebe um pequeno prato com tudo que constitui a oferenda. Antes de iniciar a refeição, a pessoa responsável pela oferenda entoava cânticos com a participação das crianças. Num segundo momento os adultos podem se servir. (SIQUEIRA.1998.79)

de Religião e Religiosidades Afro-brasileiras”, além de outros componentes dessa mesma temática.

Assim, este artigo visa investigar a trajetória do Terreiro de Odé e tem como perspectiva analisar os aspectos sociais relacionados à sua fundação, os festejos às divindades, as negociações para estas práticas e as tensões na sociabilização da comunidade, a partir da década de 80, época está marada pela inserção de Rita de Azevedo no candomblé até 2019. Portanto, possui um olhar crítico sobre o aspecto de sua construção, preservação e manutenção como símbolo de pertencimento étnico-social e cultural. Nesse sentido, a edificação do Terreiro de Odé será considerada aqui como um projeto transformador e que exprime produções de referência para a memória coletiva dos sujeitos que integram e interagem dentro do seu espaço.

## 1 TERREIRO DE ODÉ: IDENTIDADE E MEMÓRIA

A existência e permanência do Terreiro de Odé apontam para um detalhe importante de sua trajetória e sobrevivência: a sua memória. A memória é um elemento histórico carregado de subjetividades e possibilita a construção de elementos unificadores dos sujeitos, os quais se apresentam capazes de construir identidades e evitando que a memória do seu povo seja aniquilada, o que também já é uma representatividade de poder, conforme aborda Le Goff (2013):

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. (LE GOFF, 2013, p. 435).

Para Le Goff, portanto, a memória coletiva é observada como elemento de poder, a qual pode ser considerada como ferramenta para a preservação das práticas sociais. Os sujeitos de Santo Antônio de Jesus, nas suas manifestações socioculturais, sobretudo pelas suas crenças religiosas, trazem justamente essa memória coletiva através das manifestações dos ritos, da noção de tempo, noção de vida e morte, concepções sobre o mundo e a língua utilizada nos cultos, demonstrando uma relevante atividade e envolvimento com tais ritos ao manter viva a tradição religiosa do candomblé no Terreiro de Odé em seus diversos aspectos.

Ricoeur (2007) observa que algumas memórias nascem do habitual e, sob essa ótica, a prática das pinturas faciais carnavalescas são lidas como mecanismo de memorização de uma forma de sociabilidade dos sujeitos frente a preservação de uma prática religiosa que mobiliza, de certa forma, a cidade.

Além disso, ao lançarmos mão do conceito de identidade apresentado pela historiadora Pesavento (2014), compreendemos a importância das manifestações socioculturais, pois para a pesquisadora a identidade é a construção simbólica que elabora a sensação de pertencimento e, conseqüentemente, permite a coesão de determinados grupos, que se reconhecem.

As narrativas dos sujeitos que compõem a trajetória do Terreiro de Odé revelam crenças e os enfrentamentos de suas vidas. Neste sentido, o trabalho em questão contribuiu não apenas na investigação da trajetória do Terreiro de Odé e nos estudos sobre a Religião e Religiosidade de matriz africana. Desse modo, torna-se instrumento de continuidade da memória de sua cultura e do processo de concepção identitária de pertencimento dos indivíduos que se dedicam na manutenção das matrizes africanas.

Utilizamos a História oral como campo e ferramenta metodológica, o que vem possibilitar interpretações diferentes da história tradicional ao acrescentar novos sujeitos e buscar resultados críticos. Essa abordagem se apoia nas evidências vindas de uma nova direção, alterando o enfoque da história e revelando novos campos de investigação:

A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem o compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (THOMPSON, 1992, p. 26).

Françoise (1987) analisa o papel e o status da história oral dentro da pesquisa histórica e apresenta dois argumentos em forma de programa para justificar a importância de defender uma “nova corrente histórica”. A autora faz referência ao movimento Annales para pensar no rompimento com antigos objetos e práticas, pois há a indispensável tarefa de trazer para o centralidade dos debates os sujeitos ditos “dominados”, isto é, os silenciados e excluídos da história: mulheres, proletários, marginais, a história local e enraizada, etc. Logo, as vozes desses sujeitos precisam ser ouvidas, possibilitando assim que a “história vista de baixo” seja valorizada em seu processo de escuta.

Nessa mesma perspectiva, o historiador Thompson (1992) aborda a importância do estudo da história oral nas produções historiográficas, as quais procuram evidenciar um alargamento nos estudos do campo da História. Thompson afirma que, ao se dar início a um processo cumulativo de transformação, “amplia-se e se enriquece o próprio campo de ação da produção

histórica e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica. Para ser claro, a história se torna mais democrática” (THOMPSON, 1992, p. 28).

Em linhas gerais, o Terreiro de Odé carrega historicidade e pode apresentar mecanismos de produção de memória sobre os sujeitos e os espaços. Através das cerimônias e das imagens que se preservam, e que serão analisadas posteriormente, podemos “reconstruir” a descrição de uma prática, evidenciando ritos festivos, uma vez que, historicamente, têm a função de proporcionar uma tradição cultural baseada em conhecimentos e experiências que se aproximam e se edificam de forma simbólica nas manifestações socioculturais dos sujeitos.

## 1.2 DE ONDE FALAMOS

Um elemento significativo para as construções de certos trabalhos científicos é o lugar de pertencimento. Abordar “de onde estamos falando” é relevante para que os leitores possam compreender a importância do Terreiro de Odé e as formas de socialização presentes nele e que marcam suas experiências em Santo Antônio de Jesus.

Santo Antônio de Jesus é um município localizado na região do Recôncavo Baiano e guarda grandes tesouros históricos, apresentando assim um caráter sociocultural particular. O período de festividade religiosa do Terreiro de Odé demonstra a potencialidade do espaço, através da chegada dos sujeitos e suas histórias para o terreiro, demarcando-o como ambiente potencializador de memórias, a exemplo das formas de enfrentamento às discriminações e perseguições. Assim, o distrito guarda especificidades históricas que mobilizaram a escolha: primeiro pela formação e consolidação do Terreiro de Odé; e segundo pela própria questão temporal. É nos anos de 1980 que Rita de Azevedo inicia a prática do culto doméstico e passa pelo processo de formação e continuidade do Terreiro de Odé, o que se estende aos dias atuais.

## 2 A TRAJETÓRIA DO TERREIRO DE ODÉ: ORIGEM, FUNDAÇÃO E CONTINUIDADE.

O Terreiro de Odé vem buscando constantemente a preservação material e imaterial da religiosidade afro-brasileira e o fortalecimento do povo de santo. Sua trajetória se liga à história de sua sacerdotisa maior e fundadora, Mameto Rita de Mutakalambô, que no decorrer da sua existência travou “lutas” para conseguir firmar-se na liderança com o objetivo de preservar a existência do Terreiro de Odé. Rita de Azevedo Silva é natural de Santo Antônio de Jesus, na Bahia, nasceu em 27 de junho de 1961, é casada, mãe de três filhos e possui uma neta.

Figura 1: Mameto Rita de Mutakalambô



Fonte: AZEVEDO (2014)

Por meio dos relatos orais colhidos ao longo dessa pesquisa foi possível acessar as lembranças, histórias familiares, experiências coletivas, cerimônias, festas públicas da religião, as negociações que regulamentam esta prática e as tensões na sociabilização da comunidade entre o Terreiro de Odé e as comunidades do seu entorno.

Na realização das entrevistas ocorreram algumas adversidades que careceram de uma flexibilidade, pois alguns dos seus filhos de santos estavam

em processo de feitura<sup>2</sup>, além de estarem ocupados com o atendimento à comunidade e outras demandas, mas sempre que a Mameto podia receber visitas ela ia marcando e organizando os encontros.

Inicialmente, a Mameto Rita de Mutakalambô narrou como ocorreu o seu primeiro encontro com o candomblé. Ela foi acompanhar sua amiga em uma consulta na Casa do Pai Zeca, uma reconhecida casa-de-santo da nação Angola, que ficava localizada no bairro Andaiá, atualmente desativada, a qual teve o encerramento de suas atividades no ano de 2012 devido ao falecimento do seu zelador Zeca dos Orixás:

Eu fui levada por uma amiga a um terreiro, e já devido a problemas que ela tinha, eu fui de acompanhante. Mas chegando lá ela tentou solucionar os problemas dela, mas me chamou atenção uma revelação de uma entidade e justamente sobre essa revelação era o que estava acontecendo comigo e eu fiquei, como é que diz, é?! Fiquei impressionada, mas até ai eu não tinha intenção nenhuma de me envolver, foi sem pretensão porque primeiro eu nem acreditava, entendeu? E aí passou-se um tempo e aquela revelação foi ficando mais clara, mais plausível e chegou ao ponto que eu mesma, né, fui parar no mesmo lugar, levada por minha mãe e fez uns procedimentos, e eu com esses procedimentos que ele fez, eu me dei muito bem, gostei, e também foi a fé, porque foi a fé que eu tive que daí começou". (Rita de Mutakalambô, 16 de out. de 2019).

A Mameto perguntou-me se eu me incomodava caso ela fumasse um cigarro, no que tranquilamente respondi que não e, a fim de deixá-la mais à vontade, fui dando continuidade à conversação. Em um dado momento de sua fala, questionei os motivos da sua segunda ida ao Terreiro de Candomblé e a resposta foi sucinta:

Foi saúde, entendeu, eu tinha muitos problemas de saúde, eu passava assim dois dias da semana em casa e três eu passava em hospitais internada, entendeu, daí chegou ao ponto que eu fui me aproximando mais, eu fui frequentando mais e fiquei boa e hoje eu tô aqui". (Rita de Mutakalambô, 16 de out. de 2019).

Para melhor entendimento da ida de Rita de Azevedo em busca da religião para cura de sua enfermidade é preciso tomarmos o problema como sendo de

---

<sup>2</sup> Processo pelo qual os neófitos se tornam filhos de santo. Nesse momento é comum eles rasparem os cabelos, ficarem no rancó e passarem também por rituais, além de realizarem obrigações.

ordem espiritual, o que significa dizer que foi um “chamado do santo”<sup>3</sup>. Recorri aos estudos de Santos (2015), que trazem informações sobre saberes e práticas de cura, largamente difundidos na região de Santo Antônio de Jesus e a partir dos quais os curandeiros e curandeiras são pensados como agentes de cura, cujas práticas foram imprescindíveis na orientação e resolução de angústias e sofrimentos que acometiam parte da população deste município e região do Recôncavo Sul baiano:

Pode ser identificado, assim, que em pleno século XX diversas práticas de cura ainda disputavam espaços nas cidades, vilas e povoados do Recôncavo Sul da Bahia. Essas disputas colocavam em risco a hegemonia dos procedimentos, na área de saúde, praticados por médicos, apesar dos seus saberes já terem sido consolidados e oficializados. Nessa perspectiva, além dos profissionais médicos, havia espaço para outros agentes de cura, tais quais o curandeiro, a benzedeira, o raizeiro e outros. Portanto, os procedimentos técnico científicos não seriam a única alternativa de cura para o doente. (SANTOS, 2015, p.13).

Pessoas como a Mameto, que vão aos terreiros ou a rezadeiras, benzedeiras e curandeiros procurando tratamento para cuidar das moléstias não solucionadas pelas ciências médicas e que quase sempre são graves, recorrem aos meios das práticas de cura alternativa. Até a aceitação ou negação da religião o processo nem sempre é rápido, os casos não são isolados e muito menos recentes ou inerentes a uma classe social exclusiva:

Várias foram as práticas usadas por aqueles que precisavam se curar de algum mal; fossem pertencentes às camadas hegemônicas ou subalternas, lá estavam eles escolhendo qual seria a mais adequada medicina para curar suas mazelas. Tanto a medicina praticada por um curandeiro quanto por um médico poderiam fazer parte do mesmo universo de opção entre os sujeitos, sejam eles comerciantes, trabalhadores, políticos, donas de casas, entre outros”. (SANTOS, 2005, p.74).

Ainda hoje é possível afirmar que, assim como outras religiões, o candomblé oferece serviços de cura, atua na promoção da saúde e se constitui como rede de apoio social, pois muitas vezes o indivíduo não possui acesso a médicos, sua situação econômica não é favorável ou, por uma questão cultural,

---

<sup>3</sup> Espécie de problema pelo qual passa o corpo de uma pessoa, de modo que esse corpo será levado a compreender que necessita de ajuda espiritual.

o indivíduo acredita nas crenças e na lógica das práticas de cura alternativa, pois confia que sua enfermidade não pode ser sarada através de procedimentos da medicina acadêmica. Segundo Santos (2005), “a escolha entre uma e/ou outra arte de curar, dependia das razões, angústias, crenças e tradições que cada um tinha, assim como dos fatores históricos e culturais compartilhados entre os diversos setores sociais” (SANTOS, 2005, p. 80).

Busquei investigar como se deu o processo de iniciação da Mameto no candomblé. Para que um abiã<sup>4</sup> possa receber o seu orixá é preciso que, primeiramente, realize o processo denominado iniciação. Esse é considerado um rito de passagem, cuja finalidade é estabelecer uma relação do sujeito com o seu orixá, com o orixá do Babalorixá ou da Yalorixá da casa e com o terreiro (MACHADO, 2012). Desse modo, o zelador ou zeladora passa a estar vinculado com o terreiro. Para tanto, é preciso assentar o orixá no ori (cabeça) do participante, sendo necessária toda uma preparação especial para que isso ocorra (RABELO, 2014).

Nas religiões de matrizes africanas, o ori é o local mais importante do corpo do indivíduo. Goldman (1985) se refere a esse processo como uma iniciação *stricto sensu*, denominada no candomblé baiano como “feitura do santo”, o que corresponde à “feitura da cabeça”, de constituição de uma nova pessoa. Rita de Azevedo explicou que para sua iniciação ela se dirigiu à Casa de Pai Zeca dos Orixás para fazer a obrigação do borí<sup>5</sup>. Ela foi submetida à iniciação e passado algum tempo sua enfermidade foi superada. No período de iniciação Pai Zeca introduziu Rita de Azevedo no universo do candomblé, ensinando-lhe os comportamentos, as etiquetas e hierarquias, conforme ela relata:

Fiquei muito tempo como abiã, depois foi que deu início passei pelo processo de abiã pra lalorixá (processo que demanda várias fases e obrigações até receber o cargo). Eu fui iniciada na casa do Pai Zeca, era muito conhecido como Zequinha dos Orixás, foi através dele que

---

<sup>4</sup> O indivíduo passa por um período de abiã quando mantém contatos com o terreiro, realizando limpezas de corpo, oferenda aos Orixás, particularmente ao seu Orixá, dono da sua cabeça. (LIMA.2005.100).

<sup>5</sup> Borí ou aborí vem do iourubá bó - alimentar; oti, cabeça. Cerimônia ritual de dar de comer a cabeça, cuja finalidade é fortalecer o filho-de-santo para suportar repetidas possessões, ou por estar por elas enfraquecido (profilaxia e terapêutica), penitência pela quebra de algum preceito e dar resistência contra influências negativas. É realizada na iniciação e fora dela e dedicada ao Orixá pessoal, “dono da cabeça” (CACCIATORE;1977, p. 68).

eu comecei a me entrosar no candomblé; ele me ajudou muito inclusive sobre minha saúde e fez muitas outras coisas boas pra mim, e ele sempre falava, né, fazia o jogo dele, ele falava que eu tinha uma entidade muito boa que eu precisava desenvolver pra minha vida, minha saúde, tudo, ter mais êxito na vida; e depois de muito tempo, ele faleceu e eu mudei de casa, mudei pra outro terreiro. (Rita de Mutakalambô, 16 de out. de 2019).

A Mameto comentou sobre a discriminação em relação ao candomblé. Para ela, a discriminação está ligada à intolerância religiosa que os adeptos podem sofrer após a feitura, na realização do Bori. O bori é uma iniciação à religião em que o novato a depender do trato com o santo, pode ou não, passa pelos rituais de raspagem, ou seja, pela iniciação ao sacerdócio. Sendo assim, quem deu bori em ioruba é lésè òrìsà. Rita de Mutakalambô afirmou que o povo de santo, principalmente as mulheres, ainda sofre discriminação ao raspar a cabeça, sendo apontadas na rua, na escola e no trabalho, muitas vezes perdendo oportunidades pelo fato da sua aparência naquele momento. Comenta a respeito da vaidade, pois muitas mulheres ainda atribuem sua beleza ao uso dos cabelos longos, mas ressalta a importância desse processo da interiorização na religião. Para além da questão do ataque a estética das mulheres que raspam suas cabeças, elas são vítimas de intolerância religiosa e racismo.

Principalmente pras mulheres é complicado após a feitura por que tem que raspar e você sabe, né, você vai perder o cabelo, e aí por que tem a vaidade e realmente você vai olhar, e ai vou ficar sem cabelo? eu acho que é a maior dificuldade ainda pras mulheres quando você raspa. Mas é o renascimento, você passa de abiã pra iaô, você sabe que cabelo não decompõe, é isso aí. (Rita de Mutakalambô, 16 de out. de 2019).

Nesse momento da entrevista, Dona Rita de Mutakalambô pausou sua fala, franziu o rosto e ficou com ar reflexivo como se revirasse suas lembranças, talvez na tentativa de recordar as experiências vividas com o seu pai-de-santo por ocasião de sua iniciação. Depois disso, a entrevista seguiu o seu curso por meio de indagações sobre o terreiro de Zequinha dos Orixás e seu novo(a) Zelador(a) espiritual, que substituiu o próprio mentor Zequinha depois do seu falecimento.

Alguns questionamentos referentes ao outro terreiro foram feitos de forma educada e ética, mas Rita de Mutakalambô recusou-se a responder. A Mameto, demonstrando-se magoada, deixou entrever sinais de algum tipo de conflito

acerca deste novo(a) Zelador(a). A Mameto afirmou que por questões dos trâmites da religiosidade ela teve que procurar outro(a) zelador(a) para fazer as obrigações que necessitavam serem feitas por causa da morte do seu pai-de-santo e que, após isso, a sua relação com o terreiro de Zequinha dos Orixás se findou. Ela explica:

A pessoa também muito competente mas eu não vou citar nomes dessa pessoa, por que eu me decepcionei um pouco com a pessoa, não com a religião, não com o candomblé, de maneira alguma, ela lá, eu cá, eu agora fico aqui, tenho os meus filhos né, são todos iniciados, tenho filhos e netos, e a gente faz o que pode dentro da religião. (Rita de Mutakalambô 16 de out. de 2019).

Respeitando seu pedido de não falar sobre a pessoa referida na citação anterior, prosseguimos em outra direção. A Mameto foi se sentindo confortável e voltou a narrar os momentos significativos da sua história de vida, o que nos ajudou a compreender a respeito da sua imersão no candomblé e nortear a trajetória do Terreiro de Odé. Rita de Mutakalambô nos relatou onde iniciou os seus trabalhos e desenvolveu seus dons até a fundação do Terreiro de Odé.

Rita de Azevedo vivia numa situação financeira instável, realizava seus "trabalhos" como aspirante a mãe-de-santo na casa de sua mãe materna, Alice de Azevedo Silva, e com a qual residia no bairro da Salgadeira, em Santo Antônio de Jesus. Realizava seus atendimentos e o culto doméstico em um simples quarto dos fundos, não exercia atividades remuneradas financeiramente e esse espaço ficou conhecido como "Casa de caridade":

Bom, eu morava na salgadeira, aliás a casa não era nem minha era da minha mãe, viu? A casa era pequena, não tinha muito espaço e eu atendia meus clientes lá, agora sem fins lucrativos era mais caridade e as pessoas gostavam muito. (Rita de Mutakalambô, 16 de out. de 2019).

As lembranças dessa sacerdotisa nos permitem entender a origem do terreiro. Narrou que ainda vivia com sua mãe e seus três irmãos em uma casa humilde, com espaço limitado, um quatinho nos fundos da casa era onde ela fazia o atendimento dos necessitados que a procuravam para solucionar suas enfermidades. Ela reiterou que exercia seus dons sem fins lucrativos, pois a maioria que buscava ajuda se tratava de pessoas carentes vindas da zona rural de Santo Antônio de Jesus. Rita de Azevedo nos contou que as pessoas que

frequentavam seu espaço levava uma espécie de agrado, tais quais galinhas, patos e porcos, alguns vegetais, feijão de corda, abóbora, dentre outros produtos que eram cultivados nas suas pequenas posses. Caracterizando-se suas ações como caridade, ela denominou este espaço de “Casa de Caridade” e assim ficou conhecido popularmente:

Eu dei início as minhas atividades espirituais em 1983, onde eu fazia, né, os meus jogos de cartas, sessões. Meus dons é jogar cartas, tinha visões e daí eu atendia pessoas que iam à minha casa me procurar sem compromisso e eu fazia jogo; as pessoas gostavam, iam voltando. (Rita de Mutakalambô 16 de out. de 2019).

As lembranças dessa mulher nos revelam o marco do início das suas consultas na “Casa de Caridade”. Começa as suas atividades espirituais nos anos oitenta. Relembra essa data, fazendo ligação ao nascimento da sua primeira filha em 21/05/1983. Rita de Azevedo, enquanto abiã na tutela de Zequinha dos Orixás, aprendendo a cultuar as divindades e absorvendo os conhecimentos do candomblé, desenvolveu seus dons, realizando pequenos trabalhos como jogos de cartas e sessões, rezando e passando banhos para os indivíduos que a buscavam.

Figura 2: Quartinho dos fundos onde eram realizados os atendimentos



Fonte: AZEVEDO (2011)

Rita de Azevedo, depois de cumprir as obrigações de sete anos de confirmação da feitura do santo, recebeu o seu cargo de mãe-de-santo. A Mameto relatou que batalhou durante anos e, contando com a ajuda financeira

do marido, Edson Ribeiro, um policial aposentado, foi guardando dinheiro para sair da casa de sua mãe e fundar o seu próprio espaço. Com essa disposição e finalidade, construiu sua sonhada casa e, bem ao lado desta, o seu Terreiro, onde passou a fazer reuniões, execução dos rituais, culto às divindades, cerimônias públicas e atendimento as pessoas que a procurava.

O Terreiro de Odé foi fundado em 2013, ao lado da sua casa residencial e das moradias da maior parte de sua família biológica, no bairro Loteamento Salomão. É um terreiro da nação Angola e cujo nome oficial é *Inzo N'Gunzo kia Mukongo Mutacalambô*, que significa “casa de força do senhor caçador”, na língua bantu; por outro lado, o nome social Terreiro de Odé (caçador) na língua iorubá é oriundo do Candomblé de Ketu, mais popular e aceito pelos consultantes.

É importante ressaltar que os candomblés de tradição angolana são fortemente influenciados pela cultura iorubana, o contrário também ocorre, as influências são múltiplas e cruzadas sem necessariamente perder a identidade de cada uma das nações, porém o candomblé de nação Angola acaba passando também pelo processo de “nagoização”. É relevante o discurso de Parés (2006) a esse respeito: “O processo que gerou a supremacia nagô no Candomblé baiano não pode ser explicado como efeito de apenas uma causa, mas deve ser entendido como resultado da complexa interação de uma pluralidade de fatores” (PARÉS, 2006, p. 159).

Figura 3: Emblema do Terreiro de Odé



Fonte: AZEVEDO (2014)

A expansão de terreiros se deu na época pós-abolição, época que também coincidiu com o surgimento de grupos carnavalescos na década de 1890, o desaparecimento dos velhos africanos e a simultânea idealização de África que terreiros de tradição nagô consagrados transmitiam, forjando a crescente visibilidade da identidade iorubá.

O processo de “reafricanização” constituiu-se, de fato, como um processo de “nagoização”. O papel dos intelectuais é considerado outro fator, desde Nina Rodrigues, passando por Edson Carneiro e Arthur Ramos, até chegar a Pierre Verger e Juana Elbein dos Santos, que privilegiaram de modo sistemático os terreiros “nagôs puro”. A combinação desse complexo de causas, aqui apenas esboçadas, favoreceu que certos candomblés nagô-ketus passassem a ser considerados como “modelos” ou referência hegemônica. A Mameto foi questionada sobre o efeito da “nagoização” e sobre como os frequentadores e membros do Terreiro o identificam:

É costume dos clientes, a gente sabe que o iorubá é o idioma mais conhecido entres as pessoas que buscam a casa de candomblé; eles associavam “vou no terreiro, vou no Terreiro de Odé”. Então assim, alguns não entendiam a diferença entre Angola, Ketu e Jeje. Com o tempo frequentando o Terreiro foram entendendo que nossa linguagem é bantu, que Ketu é iorubá mas os clientes ainda têm o costume de chamar de Terreiro de Odé; ofende a gente? não, não ofende!, mas a gente faz questão de mesmo eles chamando de Terreiro de Odé a gente fala o nome oficial Inzo de Mutakalambô. (Rita de Mutakalambô, 25 de jan. de 2021).

Acerca da instalação e funcionamento do Terreiro de Odé, onde ela passou a ter uma certa autonomia, Rita tem explicou:

O pai de santo ordenou que eu já poderia trabalhar; e já comecei a trabalhar aqui no Salomão onde é minha casa. O meu Terreiro na Rua do Campo número 17, é aqui no Terreiro, já faço todos os processos de uma mãe-de-santo.” (Rita de Mutakalambô 16 de out. de 2019).

Berkenbrock (1997) mostra que a família de um terreiro é organizada de forma rigorosamente hierárquica, a posição de cada qual na hierarquia é determinada pelos diferentes graus de iniciação, bem como o tempo de pertencimento ao culto. A hierarquia do terreiro de Odé é ocupada por membros

com ligação consanguínea e espiritual. Nesse processo, os iniciados ganham novos nomes (digina<sup>6</sup>), que são precedidos pelos cargos que assumem. A dona do Inzó (casa), Mameto Rita de Mutalakalambô (Oxossi), seu filho Tateto Elvis de Tarizasi (Xangô), o Pai Pequeno, que realiza as funções da casa, sua filha Jamile de Kaiala (Yemanjá) ocupa o cargo de Mãe Pequena, seu marido Tatá Edson de Lembá (Oxalá), o Kambono (Ogan) da casa, sua neta Makota (Ekédi) Thainá de Kaiango (Yansã) e sua filha Makota (Ekédi) Itamara de Angoromeã (Oxumarê). Os Muzenzas (lawôs), Makota (Ekédi), Tatá (Ogan), filhos e filhas-de-santo recentemente iniciados Deivid Correia, Marcos Borges, Nivaldo Azevedo, Manuela Nascimento, Maria Helena Dias, Artur Ozawa, Cleide azevedo, Naira Nogueira, Ingrid Souza, Jeane Azevedo, Wilian Bispo, Manuela Almeida, Carlos Roberto, Davi Domingues.

Os filhos e marido todos são feitos, todos fazem parte da religiosidade. Todos eles fazem parte do terreiro. Tem as minhas filhas que são Ekédís, minha neta também é Ekédi e meu filho é o Tateto e meu marido é um Tata. (Rita de Mutakalambô, 16 de out. 2019).

Segundo Siqueira (1998) um terreiro é, às vezes, construído por diversos membros de uma mesma família natural. Este é, portanto, o núcleo básico de um terreiro. A família de santo é, certamente, muito maior e sem limite, nela — tal qual a vida prática — não se pode ter o mesmo filho duas vezes (SIQUEIRA, 1998), porém não é incomum acontecer de a filha biológica ser filha-de-santo do terreiro de sua própria mãe e sua obrigação ritual ser coordenada por outra mãe-de-santo da confiança da casa.

A Mameto informou que esse tipo de ordenação também ocorreu no Terreiro de Odé. Seu filho Tateto Elvis de Tarizasi foi iniciado por Pai Zequinha dos Orixás, pessoa por quem ela nutre muito apreço e respeito e também seu pai de santo, tornou-os irmãos de santo. Os demais familiares, sua filha Jamile de Kaiala, seu marido Tatá Edson de Lembá, sua neta Makota Thainá de Kaiango e sua filha Makota Itamara de Angoromeã foram iniciados por Reizinha Hangorô do Inzo N'Gunzu Zumkuê Junçara, de nação Angola, localizado na Rua da Ceasa em Santo Antônio de Jesus.

---

<sup>6</sup> No candomblé, quando alguém é iniciado recebe um novo nome de origem africana. Esse nome é normalmente usado entre os fiéis e a comunidade nas relações interpessoais dentro do espaço afro-religioso brasileiro.

Figura 4: Família consanguínea e espiritual da Mameto Rita de Mutakalambô



Fonte: AZEVEDO (2020)

Se considerarmos a importância da tradição para a manutenção da cultura dos sujeitos, compreendemos o quanto a resistência do candomblé está a serviço de manter viva a forma de socialização dos praticantes, na tentativa de ser um instrumento difusor cultural. Nesse sentido, o candomblé, enquanto culto organizado, é o *locus* onde decisões são tomadas por uma cúpula hierarquizada para o melhor funcionamento do terreiro em prol dos adeptos.

Compreende-se que as casas de matrizes africanas possuem lideranças como qualquer instituição, já que é regida sob princípios preestabelecidos por uma tradição: uma unidade religiosa onde uma pessoa assume o papel de organizar o terreiro e a missão de guia espiritual. O candomblé é uma instituição religiosa.

Joaquim (2001) apresenta discussões a respeito da liderança religiosa, indicando que a mãe-de-santo é a liderança que ocupa a posição central na ação da comunidade, tal qual uma regente de orquestra e com finalidade de atender os fiéis que necessitam de sua intercessão junto às divindades:

O candomblé é uma instituição na qual as normas e regras advêm das entidades transcendentais, Orixás, que se comunicam com os membros da comunidade pela liderança religiosa, mãe-de-santo, e fornecem o conteúdo ético ou normativo que é o fundamento da ação dos participantes da instituição” (JOAQUIM, 2001, p.115).

A liderança religiosa do terreiro é o cargo mais elevado existente no candomblé. No caso do candomblé de Angola e Congo, a mãe-de-santo é a Mameto de Inkice e Tata de Inkice ocupa o cargo de pai-de-santo, cargo que pode ser ocupado por mulheres ou homens e cuja autoridade espiritual e moral só reconhece como superior à sua própria autoridade a autoridade dos Orixás. A liderança e as pessoas envolvidas estão diretamente ligadas aos orixás, o que dá sentido às suas existências (CARNEIRO, 1935).

Sobre a liderança feminina no candomblé se faz necessário analisar as figuras femininas presentes na obra da norte-americana Ruth Landes (2002) intitulada “A cidade das mulheres”. Ela reflete que as mulheres negras são figuras fundamentais no desdobramento do candomblé, analisando que tudo dentro do ilê gira em torno da figura da mãe-de-santo. Apontando algumas singularidades do poder religioso feminino na cidade de Salvador-BA, a exemplo da tendência ao aumento gradual do poder feminino e do número de mães-de-santo nos candomblés mais tradicionais:

Foi nas regiões latino-americanas que as mulheres negras encontraram maior reconhecimento do seu próprio povo e dos senhores. Uma distinta sacerdotisa da Bahia chamou a sua cidade a “Roma Negra”, devido à sua autoridade cultural; foi aí que as mulheres negras atingiram o auge de eminência e poder, tanto sob a escravidão como após a emancipação. Controlando os mercados públicos e as sociedades religiosas, também controlaram as suas famílias e manifestaram pouco interesse no casamento oficial, por causa da conseqüente sujeição ao poder do marido. As mulheres conquistaram e mantêm a consideração dos seus adeptos masculinos e femininos pela sua simpatia e equilíbrio, bem como pelas suas capacidades. Não somente não há notícia de rejeição por parte dos homens das atividades das mulheres, como indícios surpreendentes da sua estima pelas matriarcas. (LANDES, 2002, p.351).

Joaquim (2001), assim como Landes (2002), refere-se a lideranças femininas no interior da comunidade religiosa afro-brasileira, chamando a atenção para o fato de as mulheres desempenharem relevantes papéis na estruturação e consolidação do candomblé da Bahia. Buscando compreender a continuidade da herança religiosa africana e suas representatividades e autoridades em uma sociedade ainda envolvida pelo patriarcalismo e pelo racismo, as autoras evidenciam que graças à força das lideranças femininas as

tradições das religiões afro-brasileiras se mantiveram firmes e praticamente intactas ao longo dos séculos:

O exercício da liderança da mãe-de-santo implica abnegação, superação da particularidade imediata; e envolve também a função de conservar as raízes da cultura negra e preservar a identidade negra. De modo que a mãe, como liderança, deverá preservar as tradições, o culto e a cultura afro-brasileiros para que seja garantida a formação dos membros e a decorrência continuidade do candomblé (JOAQUIM, 2001, p.135).

A Mameto Rita de Mutakalambô apontou fatos importantes sobre seus fiéis. Ela fala que “não é total, mas a maioria são negros e pobres, a maioria das pessoas que me procuram estão em condições de miséria, eu ajudo no que eu posso. As vezes a gente quer fazer até mais, mas também a sociedade não dá condições”. Sendo assim, além de exercer sua função como religiosa, a Mameto proporciona o acesso ao conhecimento religioso e formal para que seus fiéis possam ressignificar suas vidas, objetivando romper com as desigualdades, sobretudo no âmbito educacional:

O índice de analfabetos muito grande nessa era que estamos vivendo, oriento eles a procurar estudar, se informatizar. Tem pessoas que não têm uma profissão, não tem uma forma de ganhar seu sustento porque não tem um grau de instrução, ficam sobrevivendo do que surgir, aventurando no ganho do seu pão, por isso oriento e ajudo no que posso para sua formação” (Rita Mutakalambô, 16 de out. 2019).

Joaquim (2001) pontua sobre essa importância de duas formas: colocando em pauta a valorização das tradições, as quais perpassam pelo âmbito educacional como o ensinar-aprender; e realçando a figura da mulher, que é vista como a responsável pela manutenção do saber. De acordo com a autora, “as Mães valorizam a educação recebida do candomblé e o acesso ao conhecimento, pois, em alguns casos, é a única possibilidade que têm ante a dificuldade de acesso à educação formal” (JOAQUIM, 2001, p.159).

Dessa forma Rita de Azevedo na sua função de sacerdotisa procura nutrir seus filhos-de-santos com os conhecimentos ancestrais de matrizes africanas, incentivando e fornecendo meios para que eles tenham acesso a conhecimentos

formais, contribuindo para o desenvolvimento espiritual e pessoal dos seus filhos.

A Mameto compreende sua importância, isto é, seu papel sagrado de zelo e guarnecimento da força vital dos orixás na manutenção dos saberes ancestrais. A ascensão da mulher negra por meio do trabalho no candomblé reconfigura o papel da mulher tanto em uma esfera mística quanto no sentido sociocultural, de modo que o candomblé acaba se configurando não apenas como uma possibilidade que a mulher negra possui para realizar-se nas questões religiosas, mas também políticas e sociais. A Mameto reforça que a vida no candomblé é um constante ciclo de aprendizagem:

O candomblé é como assim você faz uma faculdade, mas você nunca se forma por que é muita coisa pra você aprender e cada dia você vai aprendendo mais, você não pode dizer assim, a eu sou uma lalorixá que sei tudo do candomblé; um Babalorixá também não pode dizer eu sei tudo do candomblé, porque o candomblé é assim, é dia a dia você aprendendo. (Rita de Mutakalambô, 16 de out. 2019).

A predominância feminina na sustentação de alguns templos da religiosidade de matriz africana e as práticas fundamentais na manutenção do culto aos orixás, bem como a presença e participação nos terreiros de pessoas influentes da sociedade reafirmam não só o caráter da liderança religiosa feminina, mas também o seu papel de agente de resistência. Quando um terreiro, tendo uma mulher como liderança, se abre para o atendimento não apenas espiritual, mas também social, ele está se configurando, por meio de sua autoridade, como espaço de lutas e questionamentos. Ao que tudo indica, que no gesto do atendimento espiritual feito por uma mulher dentro de um terreiro são inseridas de modo consciente e inconsciente, a militância de gênero e as questões étnico-raciais, essas lutas acabam sendo executadas de modo prático, pois o acolhimento permite preservar, difundir, valorizar, discutir e realçar a importância da religiosidade afro-brasileira, da mulher, do povo preto e sua crença.

A construção do poder feminino nos cultos afro-religiosos torna-se o principal ponto de tradição de muitos terreiros. Isso nos leva a compreender a história das casas de candomblé na Bahia e a participação da figura feminina na edificação e ressignificação da cultura afro-brasileira.

A mãe-de-santo é uma liderança religiosa, cultural e social que, além de suas funções como sacerdotisa que serve de canal na comunicação entre os membros da comunidade e os Orixás, é uma liderança carismática, eleita pelos Orixás para ser uma figura acolhida e reverenciada pelos fiéis:

O candomblé é uma comunidade que propicia ao membro o exercício da cidadania, que consiste no direito de os negros preservarem as suas identidades étnicas, individuais e coletivas, conhecerem as normas e regras para agirem no cotidiano, aprofundarem sua história, cultura, cultuarem os Orixás” (JOAQUIM, 2001, p.140).

A Mameto ocupa posição central no espaço do terreiro de candomblé. As ações realizadas são sempre coletivas e não se restringem apenas a auxílios espirituais e às interseções junto às divindades no âmbito do sistema religioso. O trabalho também se constrói e se configura no aspecto cultural e social, pois dificilmente essas questões são fronteiriças; ao contrário, estão quase sempre coadunadas, pois a maioria dos corpos que frequentam o terreiro de candomblé leva consigo suas histórias familiares, seus dramas pessoais e as carências educacionais e econômicas.

Assim, a figura feminina representando as relações de poder afro-religioso por meio da liderança religiosa transfigura-se em alicerce fundamental em muitas casas de tradição da Bahia, visto que não caracteriza apenas a força feminina ou religiosa, mas contribui para o sustento de considerável contingente familiar, seja consanguíneo ou espiritual.

Ao falarmos de uma mulher de santo, visibilizando seu poder de mulher negra no terreiro — enquanto autoridade que detém fundamentos, conhecimentos ancestrais e sagrados e que resiste historicamente — potencializa-se a reflexão da ação sociopolítica e cultural. O papel organizador e as ações múltiplas da Mameto Rita de Mutalakalambô contribuíram e contribuem significativamente para o fortalecimento do candomblé em Santo Antônio de Jesus-BA.

### 3 A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO E A SOCIALIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ

Os terreiros de candomblé procuram se organizar de modo a abrigar na sua estrutura a força regente dos Orixás. Representa um espaço de resistência e luta, local onde se realizam os cultos e as cerimônias e são feitas oferendas aos orixás. Siqueira (1998) relata que o Terreiro é, ao mesmo tempo, um espaço ritual, social, comunitário e místico. Ele possui essa feição para cada membro da comunidade que ali busca e encontra identificação, além de uma correspondência com a terra de seus ancestrais. É espaço onde os praticantes encontram bem-estar pessoal e familiar:

O Terreiro é um espaço social, místico, simbólico, onde a natureza e os seres humanos se unem para viver uma realidade diferente daquela que o cotidiano ou a sociedade lhes apresenta como real, na qual as pessoas que o constituem acreditam. É o espaço onde o mito e o rito fazem parte da própria vida das pessoas que dele participam (Siqueira, 1998, p. 173).

A estrutura do terreiro de Odé configura-se como moradia familiar permanente e espaço para liturgia pública. A Mameto relata que moram ela e a família: marido, filho, filha e neta e cada qual ocupa um cargo dentro do Terreiro. Siqueira (1998) também observa que há terreiros que funcionam em residências particulares de suas zeladoras ou zeladores. Esses espaços são conhecidos muitas vezes por “barracão”, ou seja, local onde são realizadas as cerimônias ritualísticas abertas ao público, ordenação que se encaixa o de Terreiro de Odé.

Berkenbrock (1997) fornece elementos que caracterizam o espaço do terreiro, informando que muitos espaços são utilizados para mais de uma função: local de culto e moradia de quem dirige a casa. Um terreiro funciona não raras vezes como um empreendimento familiar e a família da lalorixá ou do Babalorixá reside no próprio terreiro.

Figura 5: Residência e a entrada do Terreiro de Odé



Fonte: AZEVEDO (2019)

Figura 6: Área do barracão



Fonte: AZEVEDO (2015)

Rita de Mutakalambô aborda sobre os seus laços afetivos e de sua ligação com os santos católicos. Em sua narrativa compreendemos que na sua infância ela passou pelos sacramentos católicos, batismo, crisma e eucaristia, os quais foram orientados por sua mãe, que era uma cristã fervorosa. Ainda na construção da sua narrativa, Rita lembrou a sua avó Antônia Moreira de Azevedo, que fizera uma promessa a São Damião e Santa Bárbara. Ela ofertaria caruru todos os anos caso seu pedido fosse atendido. A promessa consistiu em solicitar intervenção no sentido da construção da casa própria. A casa foi construída, dona Antônia Moreira de Azevedo faleceu um pouco depois e Rita de Mutakalambô deu continuidade à promessa.

Kátia Mattoso (1992) considera que ao lado da devoção há uma relação contratual entre o fiel e o seu santo protetor, que consiste na obtenção de uma graça. Em caso de grande prestígio do santo, recorre-se a uma promessa. Desse

modo, as vivências da Mameto refletem suas práticas e, por isso mesmo, possibilitaram maior socialização, pois, ao dar continuidade à promessa de sua avó, ela reúne a comunidade e atrai pessoas de vários lugares, crenças e meio social. Inclusive isso reflete um instante de caridade, pois muitas pessoas vão ao caruru com o objetivo de saciar a fome.

Eu dava um caruru, até hoje continuo dando, um caruru pra São Cosme e São Damião e Santa Barbara que eu sempre fui muito devota deles e esse caruru era muita gente e até hoje ainda continua. (Rita de Mutakalambô, 19 de dez. 2020).

Observando-se o Terreiro de Odé, é possível perceber a presença de algumas imagens de santos católicos nas paredes e também no altar. Rita de Mutakalambô demonstra apreço e fé por alguns santos católicos, apreço transmitido por sua avó e mãe, mas não podemos afirmar que isso se configure como um sincretismo religioso. Apesar da presença das imagens no terreiro, contrariamente ela faz a separação destes universos:

Sou devota a São Jorge, que eu gosto muito, amo muito São Jorge e continuo dando todo ano o caruru de São Cosme e Santa Bárbara. Mas cada um no seu quadrado, Santo é uma coisa, Orixá é outra. Eu sei que houve um tempo que tivemos que misturar tudo, Orixá com Santo por questão de sobrevivência, mas hoje em dia podemos cultuar nossos Orixás em paz. (Rita de Mutakalambô, 19 de dez. 2020).

Prandi (2006) tem um relevante trabalho a respeito do processo de mudanças socioculturais das religiões afro-brasileiras. De acordo com o pesquisador, os afrodescendentes para fugir das perseguições religiosas e se tornarem brasileiros realizavam inicialmente o culto aos orixás em sincronia com o culto aos santos católicos e assim foram forjando o sincretismo. Aos poucos, os elementos negros foram se inserindo nas sociedades, pois não apenas a brasileira serve de exemplo a essa questão, e a umbanda foi o caminho possível para o objetivo de fazer os elementos negros retornarem depois às suas origens e assumir a sua própria identidade. O candomblé foi se transformando em religião universal, iniciando um processo de africanização e dessincretização e recuperando sua autonomia em relação ao catolicismo::

Não é mais preciso ser católico para ser brasileiro; pode-se ter qualquer religião ou nenhuma. O sincretismo não faz mais sentido e para muitos dos adeptos do candomblé, sobretudo sua liderança mais esclarecida (em todas as partes do Brasil, retirar dessa religião afro-brasileira os elementos católicos faz parte desse retorno à origem, dessa volta à África, que é o retorno de símbolos religiosos e não o desejo de retorno às condições de vida do negro, do escravo, do antigo (...). O novo candomblé se põe em pé de igualdade com o catolicismo. (PRANDI, 2006, p.108).

Figura 7: Altar de Santa Barbara e Santo Antônio, Imagem de São Lazaro e Imagem de São Cosme e São Damião.



Fonte: AZEVEDO (2019)

Objetivando compreender a organização do Terreiro de Odé no seu âmbito litúrgico, visto que tal aspecto comporta-se como um viés de suma importância, sucedeu-se uma entrevista com Makota Thainá de Kaiango, neta da Mameto, que deu continuidade à tradição ao ocupar o cargo de Kota Rifula. Ela é responsável em preparar as comidas sagradas. Thainá de Kaiango nos sinalizou suas experiências de vida:

Minha vivência no candomblé é desde pequenininha, minha avó já era cartomante, já fazia parte do candomblé e eu já convivia com isso. Com 14 anos de idade, decidir me fazer no santo, aceitar de corpo e alma e raspei a cabeça; passei a ser uma ekédi de verdade. (Makota Thainá de Kaiango, 20 de out. 2019).

Por meio da experiência pessoal que possui no candomblé, a ekédi é uma das principais funções na organização dos festejos e cultos dos orixás. A ekédi toma parte em todas as cerimônias rituais do terreiro a cada manifestação do Orixá. Siqueira (1998) conta que a posição de uma ekédi varia de um terreiro para outro, mas a natureza de sua função é sagrada; a ekédi é escolhida para

lidar com o “sagrado” e acompanhá-lo através do Orixá que “se incorpora” em suas filhas ou filhos-de-santo. Essa consciência conflui-se com sua força espiritual e devoção e se estabelece à medida do fortalecimento do seu axé e do seu compromisso no mundo.

Figura 8: Ekédi Thainá de Kaiango



Fonte: RIBEIRO (2018)

A Makota Thainá de Kaiango informa que o calendário litúrgico do Terreiro de Odé não é o mesmo todos os anos; muitas festas não têm data permanente para acontecer, mas as datas podem variar de acordo com a disponibilidade e as possibilidades da comunidade, demonstrando, assim, certa flexibilidade na dinâmica dos cultos e cerimônias públicas no terreiro: “Os cronogramas de festas estão ligados aos Orixás da mãe-de-santo atual e fundadora, e demais pessoas iniciadas no terreiro” (JOAQUIM, 2001, p.153).

De maneira geral, o que importa é comemorar o orixá na sua época. Thainá de Kaiango informou que eles não possuem datas fixas para os filhos de santo trabalharem e dessa forma é melhor, pois sua mãe-de-santo possui muitas obrigações no Inzo, de modo que sustentar anualmente datas inflexíveis não seria viável.

As principais cerimônias e festividades do Terreiro Odé são a homenagem ao protetor do Inzo Mutakalambô (Oxossi), o culto ao inkice é uma celebração restrita às pessoas do terreiro, comporta uma série de obrigações privadas, pois é um inkice "cismado" que se apresenta poucas vezes no ano, não inclui bebida

alcoólica, os alimentos são feitos pela caça que é oferecida a ele através dos sacrifícios:

Sacrificar é um dom feito aos mortos, aos espíritos, aos deuses (...). No candomblé, os filhos-de-santo doam-se, constantemente, aos Orixás, pois estes possibilitam a moldagem e direcionamento do mundo. Todo o ano durante os ciclos festivos tem lugar o sacrifício, até por que a própria festa com cânticos e danças é um ato sacrificial. (LIMA, 2005, p. 147).

O Terreiro de Odé é quase em sua totalidade decorado com flores, especialmente com a da espécie copo-de-leite, a flor preferida desse inkice. Ao longo do ano, o Terreiro de Odé possui outras festividades ligadas aos demais membros do Terreiro por causa das suas afinidades com algumas divindades: a feijoada de Nkossi, conhecida popularmente como Feijoada de Ogum, realizada em junho, é ofertada pelo Tatá Edson de Lembá. É uma celebração pública, aberta para as pessoas do próprio terreiro, de candomblés simpatizantes e visitantes; O tradicional Caruru de São Cosme e Damião e Santa Bárbara acontece em dezembro e é destinado à comunidade; o Café de Kavungo (Obaluaê) é ofertado no mês de agosto pela Mameto Rita de Mutakalambô; a Festa da Pomba-Gira Esmeralda e Exú Catiço Marabô é configurada com obrigações privadas e cerimônias pública com toques de tambor, danças e manifestações realizadas em setembro; e a festa de Nzazi (Xangô), que acontece em abril, é ofertada pelo Tateto Elvis de Tarizasi.

O culto, que reaviva todo o processo da existência, acontece através de diversos ritos. Cada fiel tem uma obrigação perante a seu Orixá (...) No culto comum e público – chamados comumente de “festas” – acontece a possibilidade do terreiro, com a comunidade, entra em contato com os Orixás cultuados na casa. (Berkenbrock, 1997, p.198)

Figura 9: Feijoada de Nkossi (Ogum)



Fonte: AZEVEDO (2019)

As fotografias apresentadas servem como fonte de observação do que foi descrito anteriormente. A dança, o banquete e os comensais podem ser percebidos por seus gestos, ainda que tais gestos, por força da imagem, tenham sido imobilizados no tempo e espaço. Além disso, algumas características do ambiente também são percebidas parcialmente: o teto adornado, o centro da sala com o vaso de flores, as vestimentas, as cores, os pés descalços, as expressões corporais e faciais. A fotografia é, assim, documento senão imprescindível ao menos relevante, pois serve de contribuição ao desenho que as palavras se esforçam por compor. Além disso, as imagens controlam a relativa imaginação com que às vezes se distorcem os cenários por motivo da subjetividade da leitura e servindo como argumentos ou prova documental para aquilo que está sendo dito.

Figura 10: Festa de Pomba-Gira Esmeralda e Exú Catiço Marabô



Fonte: AZEVEDO (2017)

#### **4 MEUS VIZINHOS, ELES AS VEZES, NÃO RESPEITAM; SÃO MUITO INTOLERANTES**

O movimento espiritual presente no neopentecostalismo chamado teologia da batalha espiritual potencializou-se em sincronia com o crescimento do universo evangélico, que ganhou espaço midiático e político. Essa expansão evangélica no Brasil é, em certa medida, responsável por fazer eclodir atos de intolerância religiosa praticados contra as religiões afro-brasileiras, principalmente por parte dos neopentecostais.

Os estudos de Vagner Gonçalves da Silva (2017) sobre os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras indicam que no Brasil houve nas duas últimas décadas um acirramento dos ataques das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras. O pesquisador pontua alguns fatores que contribuem para provocar esses ataques, a saber:

A disputa por adeptos de uma mesma origem socioeconômica, o tipo de cruzada proselitista adotada pelos neopentecostais — com grande investimento nos meios de comunicação de massa — e o consequente crescimento dessas denominações, que arregimentam um número cada vez maior de ‘soldados de Jesus. (SILVA, 2017, p. 22).

Na entrevista com a Makota Thainá identifica-se a influência deste movimento no Loteamento Salomão, bairro que é predominantemente composto por moradores evangélicos. A Makota Thainá relata que “no Loteamento Salomão o único terreiro é o da gente, o terreiro de Odé na Rua do Campo; assim tem várias igrejas, vários evangélicos”. Entende-se que o bairro é composto pela coexistência de diversos segmentos religiosos, mas necessariamente esta pluralidade não implica em tolerância, ao contrário: este ambiente plural contribui para as manifestações de desrespeito. A Makota evidencia:

A maioria das pessoas respeita a gente como respeitamos eles também, mas outros que moram ao lado, os vizinhos, eles às vezes não respeitam; são muito intolerantes, já chegaram ao ponto quando tinha festas aqui de fazer denúncias e ligar pra polícia pra tentar fechar a casa da gente. (Makota Thainá de Kaiango, 28 de fev. 2020).

A Makota Thainá nesse momento da entrevista deixou transparecer em sua face um aspecto de indignação e revolta; seus olhos lacrimejaram e ela

caracterizou os vizinhos como intolerantes religiosos e enganosos delatores: “visando atingir o terreiro com acusações falsas, tentativas estas frustradas, pois o terreiro possui todos os aparatos legais para seu funcionamento”. Thainá finaliza sua fala afirmando que “a casa da gente é toda legalizada, a gente tem federação, tem alvará, tem toda permissão. Para ter um terreiro aberto tem que ter isso e movimentação.

Segundo Daniele Evangelista (2015) o direito à liberdade de reunião, de culto e de liturgia está previsto na Constituição Federal e é a base da igualdade de todas as religiões perante a lei. No entanto, para que esse direito seja devidamente assegurado, as comunidades religiosas precisam estar organizadas em forma de associação. Para funcionar legalmente, o templo religioso – que pode ser um imóvel próprio ou alugado – precisa de alvará de funcionamento expedido pela prefeitura do município onde esteja situado. Para evitar conflitos com os moradores os membros do terreiro buscam meios afim de que essa socialização aconteça de forma pacífica, deste modo seja possível exercer seus direitos ao livre funcionamento de celebrar reuniões sem que tenham suas atividades suspensas ou interditadas pela administração públicas, neste sentido a Makota constata:

Tem festas que em outas Casas, outros Inzos que anoitece vira o dia, a gente fazia isso mas paramos, por questão de respeito, a gente aderiu fazer as festas pelo dia, por exemplo começa às dez da manhã e acaba às seis da noite, pela lei também. Toda festa que a gente faz pedimos permissão, mandamos ofício para o batalhão, a gente pede ofício na federação”. (Makota Thainá de Kaiango, 28 de fev. 2020).

A discriminação religiosa manifesta-se no Brasil diariamente. Casos de exteriorização de intolerâncias, discursos de ódio e práticas de desrespeito a diversos grupos sociais têm aumentado significativamente, com relatos de situações em diferentes espaços, como escolas, universidades, clubes, terreiros de umbanda e candomblé e até nas ruas.

Constantemente, os meios de comunicação noticiam em suas páginas ou blocos policiais ataques contra templos sagrados. Profanação de imagens religiosas, ofensas contra as pessoas por sua condição religiosa e tratamento discriminatório em locais públicos e estabelecimentos privados são alguns atos

que exemplificam o desrespeito. Assim, a fala da Makota não discorda desse aspecto:

No meu resguardo de 3 anos eu tive de raspar minha cabeça novamente, raspei a minha cabeça toda mesmo e andava na rua normalmente como qualquer outro ser humano; a gente tá de resguardo, a gente não está com doença, assim a gente não tem que ficar escondido. Ai teve um dia que fui ao mercado próximo a minha casa, passei sem o pano na cabeça porque estava muito calor, os vizinhos evangélicos viram minha cabeça raspada e começaram a me dar piada, dizendo que eu era do diabo, que eu era ridícula. Isso é preconceito, isso é intolerância religiosa, eu cheguei ao ponto de *bater boca* com eles porque eu sou uma pessoa que não fico quieta, mas larguei de mão, estava de resguardo e não podia ficar me estressando. Pedi perdão ao meu santo. (Makota Thainá de Kaiango, 28 de fev. 2020).

Para entender a natureza e a extensão destes casos de intolerância, Gonçalves (2017) atesta, por meio de informações sistematizadas e classificadas, que os ataques feitos no âmbito das práticas religiosas das igrejas neopentecostais e seus meios de divulgação proselitista têm como ponto de partida uma teologia assentada na ideia de que a causa das mazelas deste mundo pode ser atribuída à presença do demônio, que geralmente é associada a Divindades de outras religiões. A eficiência desse processo de demonização se baseia em condições históricas, uma vez que ao longo do tempo as religiões afro-brasileiras têm sofrido este estigma justificador de longos processos de perseguição religiosa. Antes mesmo das igrejas pentecostais e neopentecostais, se deu pela igreja católica, embora nos tempos de hoje os neopentecostais vêm ampliando a perseguição e reconstituindo uma nova versão de Cristianismo hegemônico.

O panteão afro-brasileiro é especificamente alvo deste ataque, destacando a linha de Exú, que foi associado ao diabo cristão. O advento das igrejas evangélicas neopentecostais renovava a ideia de demonização dos orixás, iniciando uma campanha de intolerância e perseguições às religiões de matrizes africanas. A Makota relatou que já chegaram a apedrejar o guardião da porta de sua casa, Exú. Disse também desconhecer o autor do ato criminoso, mas entregou nas mãos de Exu a resolução do problema, pois, do seu ponto de vista, isso era algo terrível e desrespeitoso além de indicar extrema ignorância intelectual e espiritual.

Na Constituição Federal consta como direito fundamental a liberdade religiosa. É determinada a garantia e proteção dos locais de culto e suas liturgias. Os órgãos públicos brasileiros possuem arcabouço legal e institucional para combater as diferentes e usuais formas de preconceito, intolerância e violência religiosa, discursos de ódio e práticas convergentes. A intolerância religiosa é criminalizada através da Lei 7.716/89. Os membros do Terreiro de Odé acreditam que a educação é fundamental para redução da persistente discriminação contra os adeptos das religiões minoritárias.

Nesse sentido, possuem representantes que atuam em espaços educacionais formais e informais por meio de movimentos que levam informações sobre a temática das religiões de matrizes africanas com o objetivo de conscientizar a comunidade interna e externa através de encontros, rodas de conversas, palestras, homenagens, dentre outras formas de comunicabilidade:

A gente faz de tudo pra combater esse tipo de preconceito, inclusive meu filho Tateto Keuamê Elvys foi presidente do Movimento Étnico Racial Tenho Fé, Sou Do Candomblé realiza rodas de conversas no terreiro para o povo de santo e quem tenha interesse de nos compreender, é aberto a entrada, ele vai em colégios, faculdades, inclusive ele é universitário também, recebe inúmeros convites para participar de palestras e simpósio na UNEB e UFRB. (Mameto Rita de Mutalakalambô, 16 de out. de 2019).

Figura 11: Tateto Elvis de Tarizasi



Fonte: Ribeiro (2018)

O povo de terreiro busca ocupar espaços públicos, como as Universidades, Escolas e Institutos ligados à educação para reivindicar direito e

respeito a suas tradições. Tateto Elvys Tarizasi representa o Terreiro de Odé em tais recintos e suas palestras nos sistemas de ensino se consolidam como estratégia de enfrentamento às desigualdades e preconceitos enraizados na sociedade, o que não poucas vezes faz com que a sociedade se hostilize e se volte contra as religiões de matriz africana.

Eu sou o representante do Inzó, eu sempre participo de palestras a favor de falar sobre o candomblé e principalmente do candomblé de Angola, eu sempre me comprometi a representar. No Centro Cultural da cidade, no Dia da Consciência Negra, ocorreu o Dia Dos Sacerdotes e Sacerdotisas, eu fui representando o Inzo e recebi uma homenagem junto com outros representantes religiosos, pessoas de Angola, pessoas da raiz de Keto de Umbanda. (Tateto Elvis Tarizasi. 25.JAN.2021).

O Tateto informa que começou a participar dos espaços educacionais em 2013 fazendo parte de uma banca de diálogo ecumênico na Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) com vários membros religiosos, tais quais padres, pastores, pais-de-santo, missionárias, espíritas, etc.. Ressalta também sua participação em palestras de Faculdades privadas e colégios públicos e privados. A participação de pessoas do candomblé nos espaços educacionais contribui para estreitar o diálogo com indivíduos que possuem diferentes religiões e concepções de mundo, o diálogo se estabelece ali como forma de relacionamento entre as crenças e provoca reflexão sobre a necessidade de respeito à liberdade religiosa e repúdio ao crime de ódio.

O Tateto Elvis Tarizasi enfatiza a importância da ocupação de tais espaços como possibilidades de ampliação do debate a respeito dos problemas enfrentados pelo povo de santo.

É importante a participação dos membros do candomblé nestes espaços educacionais, nós sabemos que tudo que gira em torno do candomblé sempre vai ser uma curiosidade e então para tirar essa curiosidade nada melhor do que chamar representantes religiosos de matriz africana para poder tirar essas dúvidas, que até também melhora os pensamentos das pessoas, para não julgar, porque sabendo elas vão diz: “olha, realmente não é aquilo que eu esperava, que eu pensava”. Na intenção de retirar as visões preconceituosas, historicamente o candomblé foi demonizado, e é importante retiramos esse pensamento de demonização que candomblé só faz coisa para o mal, nos aproximando das pessoas e ocupando os espaços educacionais levando nossa verdade. (Tateto Elvis Tarizasi. 25 de jan. 2021).

Figura 12: Mesa de diálogo no Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes



Fonte: AZEVEDO (2019)

Figura 13: Homenagem da Sec. de Cultura de Santo Antônio de Jesus pelo dia do Sacerdote e Sacerdotisa



Fonte: AZEVEDO (2019)

Tateto Elvys confirma o relato da Mameto sobre seu antigo posto de liderança no *Movimento de igualdade étnico-racial tenho fé, sou do candomblé* informando que foi presidente desse movimento durante um ano e meio, todo o período de 2018 e parte de 2019. Acrescentou que esse é um movimento destinado às pessoas das casas de candomblé para resolver questões jurídica e pessoais. O movimento desde o início objetivou combater quaisquer práticas de discriminações, priorizando a defesa, valorização e preservação das religiões de matriz africana, além de fornecer apoio jurídico ao povo de santo que sofre discriminação religiosa. Movimento este que se deu sobretudo a partir dos

próprios terreiros e também a partir de outros movimentos negros da cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba, a exemplo dos debates feito pela UNEB- Campus V desde meados de 1994, hoje representados pela AFROUNEB.

O Tateto Elvis Tarizasi afirma que quando acontecem as violações físicas, psicológicas ou morais, o movimento intercede por meio de advogados e encaminhamentos à Defensoria Pública. Também apoia algumas casas de candomblés por meio de reformas e distribuição de cestas básicas, buscando assistência dos órgãos municipais em prol do povo de Terreiro. O debate com os poderes públicos para se traçar estratégias de defesa dos rituais litúrgicos das religiões de matriz africana e do povo de terreiro ocorre de igual forma em outras partes do território baiano.

Destaca-se a Defensoria Pública do Estado da Bahia por seu trabalho ligado às defesas dos direitos humanos e ao atendimento das solicitações das associações representativas do povo de terreiro que, em parceria, elaboraram um documento para o cumprimento da garantia legal da imunidade tributária, fundiária e liberdade religiosa para os terreiros da capital. (BAHIA. Defensoria Pública do Estado da Bahia. 2016)

Em 2015, a Defensoria Pública do Estado da Bahia ajuizou, em Camaçari, Ação de Obrigação de Não Fazer combinada com indenização por danos morais contra igreja evangélica<sup>7</sup>, na qual houve deferimento de liminar reconhecendo a possibilidade de abuso de direito por parte dos evangélicos durante a sua manifestação religiosa.

Observa-se, nesse íterim, um movimento no sentido da concepção de Gonçalves (2017) para quem o desenvolvimento das religiões afro-brasileiras foi marcado pela necessidade de criar estratégias de sobrevivência por meio do frequente diálogo frente às condições adversas. Em vista disso e ainda que de modo incipiente, a união de religiosos afro-brasileiros, do movimento negro, de acadêmicos, pesquisadores, políticos, advogados, dentre outros, parece apostar — e assim deve ser — nos ativos da autodeterminação, auto-organização e no direito ao livre funcionamento em favorecimento da luta de resistência e reação do candomblé contra assédios e perseguições.

---

<sup>7</sup> (Ação de número 0502596-40.2015.8.05.0039). Para maiores informações, acessar o documento da Defensoria Pública do Estado da Bahia e sua cartilha sobre os direitos das religiões afro-brasileiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizadas durante esta pesquisa trazem, ainda que de modo panorâmico, os percalços e os avanços das lutas em defesa das religiões e religiosidades afro-brasileiras. Figura como elemento de resistência cultural e histórico, permeada pelas variáveis sociais, o Terreiro de Odé por meio de sua liderança religiosa, Rita de Mutakalmabô.

A hegemonia do discurso evangélico-cristão que julga de modo superficial e supersticioso os espaços e as pessoas de santo necessitou ser combatida por meio do diálogo, das desmistificações, da desconstrução de certos mitos e da compreensão de que a religiosidade é para todos e nunca é apenas uma, mas várias.

Os espaços institucionalizados, formais e informais de educação são ambientes propícios à abertura e às propagações dos diálogos, de modo que não podem ser desconsiderados. É por meio desses espaços que conhecedores das leis, dos direitos, lideranças religiosas, militantes, simpatizantes e apoiadores tecem redes de conversas e têm conquistado novas compreensões e combatido a tendência ao crescimento da discriminação.

As heranças negras não devem ser silenciadas, especialmente num país como o Brasil, território permeado pela história e presença dos africanos. A cidade de Santo Antônio de Jesus é parte desse território e, como tal, possui a sua parcela afro-brasileira coexistindo com outros espaços de religiosidade e, pelo direito de ser, não pode negar ou suprimir sua herança e seu direito à fé.

É preciso sinalizar o esforço que se tem na busca de recuperar as bases do candomblé, sobretudo nas regiões em que existem presença maciça da população negra e praticantes do candomblé. Assim, a importância desse olhar se voltou para a constatação de que a religiosidade afro, apesar de nas últimas décadas ter sido extensivamente difundida, ainda tenta conquistar o direito ao respeito e ainda é vítima de discriminações e intolerâncias.

As intolerâncias podem se manifestar de várias formas, desde a invasão e depredação do ambiente sagrado a agressões físicas e verbais contra os sujeitos praticantes. Cabe ressaltar que tais práticas, de acordo com o artigo 5 e inciso VI da Constituição Federal de 1988, são consideradas crime de intolerância religiosa, tendo em vista a laicidade do país e o direito de livre

escolha religiosa, bem como o livre exercício dos cultos religiosos e a proteção desses espaços de cultos.

Dessa forma, é preciso propor estratégias de resistências, objetivando defesas contra hostilidades e crimes dessa ordem, especialmente na cidade de Santo Antônio de Jesus, local onde está instalado o Terreiro de Odé, objeto deste estudo. O protagonismo do candomblé precisa não se intimidar diante das adversidades e reverberar a dinâmica de que os espaços religiosos são espaços socioculturais e identitários, não cabendo intimidações e nem a não aceitação do outro. É no direito à alteridade que os convívios humanos se fortalecem e podem, em vez de se autodestruírem, reconstruírem-se e minimizar tensões mediante a formação de alianças.

Também é importante perceber como a questão do protagonismo feminino se faz necessária, pois o Terreiro de Odé tem em sua trajetória e no seio da religião de matriz africana uma liderança feminina, a mãe-de-santo Mameto Rita de Mutakalambô.

Sob essa perspectiva sinalizou-se a relevância da recuperação das bases do candomblé no seio da referida sociedade e o fortalecimento da identidade negra, a qual tem muitas de suas referências pautadas, especialmente, nas práticas culturais advindas da África, reforçando assim a expressividade do candomblé.

Cabe ressaltar, por fim, que houve muitos avanços históricos e culturais, mas não se pode esquecer as permanências históricas de uma estrutura cristã, patriarcal, racista e classista, que ainda são a base da sociedade e que se manifestam também em nossas interações no complexo sistema ideológico-mítico-religioso.

Intentou-se aqui contribuir na interpretação e compreensão do sistema simbólico afro-religioso através de sua tradição (especialmente a tradição de mulheres negras e religiosas), do seu espaço (a cidade de Santo Antônio de Jesus, na Bahia, é município do estado de maior percentual de população negra em território brasileiro), de seu processo de pertencimento e ancestralidade. Penso, em certa medida, que esta pesquisa contribui com a luta do povo de santo e pode inspirar interessados e interessadas nesta temática, além de colaborar com o registro da riqueza sociocultural e religiosa da cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia.

## LISTA DE IMAGENS

**Fig. 01:** Mameto Rita de Mutakalambô - Fonte: Imagem cedida por Rita de Azevedo, 09 maio de 2014.

**Fig. 02:** Quartinho dos fundos onde eram realizados os atendimentos - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 03 de janeiro 2011.

**Fig. 03:** Emblema do Terreiro de Odé - Fonte: Imagem cedida por Rita de Azevedo, 07 março de 2014.

**Fig. 04:** Família consanguínea e espiritual da Mameto Rita de Mutakalambô - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 24 de setembro de 2019.

**Fig. 05:** Residência e a entrada do Terreiro de Odé - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 20 de outubro de 2019.

**Fig. 06:** Área do barracão - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 11 de abril de 2015.

**Fig. 07:** Altar de Santa Barbara e Santo Antônio, São Lázaro e São Cosme e Damião. Arquivo privado do Terreiro de Odé, 20 de outubro de 2019.

**Fig. 08:** Ekedí Thainá de Kaiango Fonte: Imagem cedida por Thainá Ribeiro. 1 de setembro de 2018

**Fig. 09:** Feijoada de Nkossi (Ogum) - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 29 de junho de 2019.

**Fig. 10:** Festa de Pomba Gira Esmeralda e Exú Catiço Marabô - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 28 de setembro de 2017.

**Fig. 11:** Tateto Elvis de Tarizasi -Fonte: Imagem cedida por Elvis Ribeiro, 21 de agosto de 2018.

**Fig. 12:** Mesa de diálogo no Colégio Estadual Francisco da Conceição Menezes - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 17 de julho de 2019

**Fig. 13:** Homenagem da Sec. de Cultura de Santo Antônio de Jesus pelo dia do Sacerdote e Sacerdotisa das Religiões de Matrizes Africanas - Fonte: Arquivo privado do Terreiro de Odé, 20 de novembro de 2019.

## **ENTREVISTAS**

Rita de Azevedo Diniz. Entrevista 1. Realizada por Diego Brito Santos.

Thainá Silva dos Santos. Entrevista 2. Realizada por Diego Brito Santos.

Elvys Silva Ribeiro. Entrevista 3. Realizada por Diego Brito Santos.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMADO, Janaina; FERREIRA, de M. Marieta. *Uso & abusos da História oral* // In. FRANÇOIS, Etienne. Fécondité de l'histoire orale. Les Cahiers de l'IHTP. Paris (4):33-43, juin 1987/ Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – 4 ed.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p.

SODRÉ, Jaime. *Exu: a forma e a função*. Revista VeraCidade, out. 2009.

BAHIA. Defensoria Pública do Estado da Bahia. Direitos das Religiões Afro-Brasileiras: Um povo, várias crenças. Salvador: Defensoria Pública do Estado da Bahia, 2016.36pp.:| color.1. Cartilha Religião Afro-brasileira. I. Defensoria Pública do Estado da Bahia.

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*/ Volney J Berkenbrock,- Petrópolis, Rj: Vozes, 1997.

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Ediouro, 1935.

DINIZ, Rita de Azevedo. Rita de Azevedo Diniz : depoimento [16 out.]. Entrevistador: Diego Brito Santos. Santo Antônio de Jesus-BA, 2019. Mameto do Terreiro de Odé. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita neste artigo.

EVANGELISTA, Daniele Ferreira; *Fundando um axé: reflexões sobre o processo de construção de um terreiro de candomblé*. In: D. Evangelista. Relig. soc. vol.35 no.1 Rio de Janeiro jan./jun. 2015

CARDOSO, Carlos; BACELAR, Jeferson. *Faces da Tradição Afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafricanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida*. Carlos Cardoso, Jeferson Bacelar [organizadores] - 2 ed.- Rio de Janeiro; Pallas; Salvador -Ba. CEAO.2006 .

GOLDMAN, M. *O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil*. Mana. 2012. p. 269-288.

JOAQUIM, Maria Salete. *O Poder da Liderança Religiosa Feminina na construção da Identidade negra*. São Paulo: Pallas, 2001.

LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. Tradução Bernardo Leitão. – 7ª edição revista – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013

LIMA, Fábio Batista. *Os Candomblés da Bahia: tradição e novas tradições* / Fábio Batista Lima. Salvador: Universidade Estadual da Bahia. 2005. 222 p.:il.

MACHADO, V. S. *A vivência religiosa no candomblé e a concepção junguiana do religare*. Revista da SPAGESP. 2012. p. 30-43.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. *Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1978.

PARÉS, Luis Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Luis Nicolau Parés. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: o Mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

RABELO, M. C. (2014). *Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: EDUFBA.

RIBEIRO, Elvys Silva. Elvys Silva Ribeiro: depoimento [25 jan.]. Entrevistador: Diego Brito Santos. Santo Antônio de Jesus-BA, 2021. Tateto do Terreiro de Odé. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita neste artigo.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: UNICAMP, 2007.

SANTOS, Edmar Ferreira. *O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Edmar Ferreira Santos. Salvador: EDUFBA, 2009. 209 p.

SANTOS, Denilson Lessa dos. *Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas Santo Antônio de Jesus*. Recôncavo Sul – Bahia (1940-1980) / Denilson Lessa dos Santos - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. Salvador: 2005. 231 p.

SANTOS, Thainá Silva dos. Thainá Silva dos Santos: depoimento [28 fev.]. Entrevistador: Diego Brito Santos. Santo Antônio de Jesus-BA, 2020. Tateto do Terreiro de Odé. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita neste artigo.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impacto do Neopentecostalismo no Campo religioso Afro-brasileiro/ Ari Pedro Oro...et al; Vagner Gonçalves da Silva (org.)*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Agô Agô Lonan / Maria de Lourdes Siqueira - Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.*

THOMPSON, Paul, 1935- *A voz do passado: história oral/ Paul Thompson*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1